

# Ulysses diz que não negocia e regime se decide no voto

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, negou no Rio que esteja negociando a aprovação do parlamentarismo com cinco anos, idéia que, segundo ele, nem é sua, pois surgiu espontaneamente no Congresso. Ele veio de Brasília para tratar de temas políticos com o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e ao final do encontro disse que tiveram "uma conversa em benefício do Brasil para que os problemas se resolvam".

Ulysses chegou à Base Aérea do Galeão já à noite, onde o esperava o Opala usado pelo ministro da Previdência, Renato Archer, no Rio. Foi direto para a casa de Roberto Marinho no Cosme Velho, onde ficou das 19h40 às 21h40, e retornou depois a Brasília.

Em Brasília, o ministro da Ciência e da Tecnologia, Renato Archer, disse que apesar de todas as tentativas do deputado Ulysses Guimarães de evitar o impasse político, não há mais espaço para a negociação. Todas as alternativas já foram esgotadas e a dúvida entre presidencialismo e parlamentarismo será mesmo resolvida pelo voto, no plenário da Constituinte.

"Agora, só através do voto", disse Archer ontem à noite. Em sua casa, na Península dos Ministros, ao lado da residência oficial de Ulysses Guimarães, Archer recebeu, durante grande parte da tarde, o presidente da Constituinte e outros companheiros do PMDB, os ministros Celso Furtado, da Cultura, Almir Pazianotto, do Trabalho, e Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia. "Foi

uma conversa informal, não conclusiva a respeito de nenhuma outra estratégia política", comentou Archer.

**Justificativa** — O ministro da Previdência não quis entrar em detalhes, mas salientou que "depois das decisões anunciadas pelo governo, não há mais condições de continuar a negociação". Na avaliação de uma fonte importante do PMDB, o quadro está muito confuso e é arriscado fazer qualquer prognóstico sobre a votação do sistema de governo, marcada para amanhã.

Embora o presidente da Constituinte reconheça perante amigos que o melhor que lhe poderia acontecer seria a eleição presidencial ainda este ano, tem justificado que precisa costurar um acordo em torno do parlamentarismo com cinco anos, para não agravar a crise política.

Na avaliação do deputado Bernardo Cabral, relator da Constituinte, a se confirmar a expectativa de voto do Planalto em relação ao presidencialismo, não há como escapar da aprovação dos quatro anos para Sarney, o que poderia agravar ainda mais a crise política.

"Seria uma vitória de Pirro", disse Cabral. Ele acha porém que, a exemplo do que aconteceu na Comissão de sistematização, o governo pode ser surpreendido com o número de votos para o parlamentarismo. Cabral passou todo o dia classificando as emendas do sistema de governo. "Será uma votação muito difícil", previu. Ele acha, também, que a movimentação do Planalto agora é muito semelhante ao da época da votação na sistematização.



Ulysses: conversa política "em benefício do Brasil"

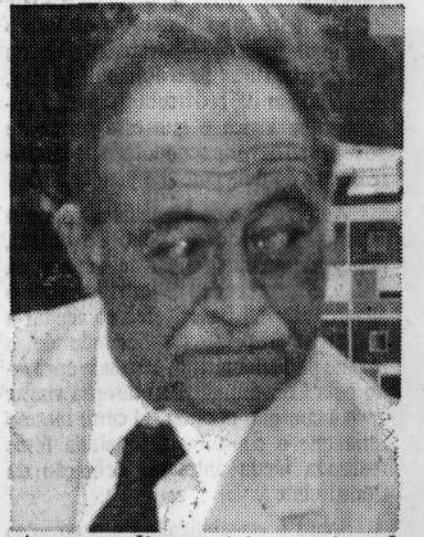
## Arraes denuncia golpistas

RECIFE — Ao entregar, na madrugada de sábado, dez mil títulos de posse a moradores do bairro de Casa Amarela, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, denunciou em discurso a existência de grupos interessados em deter as lutas populares e aniquilar o processo de abertura política no país, e conclamou o povo a trabalhar pela democracia, com diretas já. Em Casa Amarela, onde só há moros, o PMDB costuma receber de 70% a 75% dos votos.

"Vamos nos encontrar de novo na trincheira em defesa de nossa soberania", disse Arraes. "Nosso apoio às diretas-já é inegociável, a posição do povo é essa. E a posição do povo não se negocia. O povo quer eleger seu presidente".

O governador afirmou que, na semana passada, voltou preocupado de Brasília, onde conversara com muitos políticos, e sua preocupação aumentou ao ver em muros de Recife cartazes da revista *Quadra* uma publicação de direita, segundo os quais o golpe de 64 transformou o Brasil numa potência. Todo ano a revista põe cartazes desse teor.

"Esse tipo de manifestação", continuou Arraes, "pode fazer parte de uma



Arraes: direta é inegociável

articulação golpista, semelhante à que me derrubou do governo. Naquela ocasião, fui cercado e preso pelos que não se conformavam com os avanços e que, agora, querem repetir o que fizeram em 64."

## Luiz Henrique defende 5 anos

O ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, disse que "o povo vai compreender os cinco anos de duração do mandato do presidente Sarney, assim como entendeu a eleição do presidente Tancredo Neves por um colégio eleitoral. O povo brasileiro é muito compreensivo". A declaração foi feita ontem no início da tarde, quando Luiz Henrique chegou à residência oficial do ministro da Previdência, Renato Archer.

Luiz Henrique foi o único dos convidados de Archer que conversou com a imprensa antes do almoço. Ele chegou pouco antes das 14h, e já o esperavam o anfitrião e Ulysses que, pouco antes,

entrara pelos fundos da casa, evitando os repórteres. Minutos depois chegava Pazianotto e, às 14h30, Furtado.

"Não vamos negociar nenhum acordo. O mandato do presidente Sarney deve ser de cinco anos, e a questão do regime do governo não é substantiva", acrescentou Luiz Henrique, antes de entrar na casa.

O almoço se estendeu até as 15h55, quando o presidente da Constituinte se retirou e foi caminhando até sua residência, vizinha à de Renato Archer. Ulysses não quis conversar com a imprensa, assim como, pouco depois, os ministros do Trabalho e da Cultura.

## Grupo de Covas fecha pacto

O grupo do senador Mário Covas selou, durante jantar realizado anteontem, uma espécie de pacto de honra para garantir a aprovação do sistema parlamentarista de governo: não se oporá às negociações que visam aprovar o parlamentarismo em troca de cinco anos para Sarney, mas também não participará de nenhum acordo nesse sentido.

"Por mais que esse anunciado acordo leve aos cinco anos, não deixaremos de votar no parlamentarismo", explica Antônio Britto (PMDB-RS), vice-líder de Covas. Para ele, sistema de governo e mandato de Sarney são coisas distintas: "Estamos convencidos de que o parlamentarismo ganha. Por isso, todo voto é bem-vindo. Agora, o mandato do atual presidente só vai ser decidido depois".

Antônio Britto acha que o governo está tentando confundir a opinião pública e os parlamentares ao adotar uma posição dúbia: "Diz, ao mesmo tempo, que está participando de um acordo pelo parlamentarismo com cinco anos e que se mantém ferrenho defensor do presidencialismo". Da reunião participaram tam-

bém Euclides Scalco (PMDB-PR), José Richa (PMDB-PR), Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE) e Pimenta da Veiga (PMDB-MG), entre outros.

Cerca de 40 constituintes presidencialistas, liderados pelo senador José Agripino Maia (PFL-RN) e pelos deputados Ottomar Pinto (PTB-RR) e Wilma Maia (PDS-RN), decidiram que vão trabalhar contra o *buraco negrona* votação do sistema de governo. Pretendem descarregar votos na emenda presidencialista do senador Humberto Lucena (PMDB-PB). Se esta for rejeitada ou não obtiver 280 votos, vão transferir seu apoio para a emenda parlamentarista de Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE).

"Nós achamos que o sistema de governo é inegociável. E, se não houver um vencedor, presidencialistas e parlamentaristas serão obrigados a negociar um sistema híbrido. Não concordamos com esse sistema, pois é prejudicial ao país. Por isso, decidimos dar nosso apoio para que vença uma ou outra proposta", afirma o senador José Agripino Maia.

## Eleitor mostra indecisão

BRASÍLIA — Pesquisa realizada pela empresa Vox Populi, de Minas, que durante três dias de março ouviu 2.879 pessoas em 17 estados, indica que não é certo que o parlamentarismo será fatalmente rejeitado em plebiscito nacional se a Constituinte decidir por sua implantação: 35,9% da população preferem o presidencialismo e 22,4% o parlamentarismo, mas como a maioria — 39,8% — ainda está indefinida ou não conhece o assunto, a decisão vai depender de campanha dos dois lados.

Ainda de acordo com a pesquisa, 68,1% dos entrevistados acham que as eleições presidenciais devem ser este ano, 12,2% preferem o ano que vem e de 3,6% sugere 1990.

A pergunta "Qual o político brasileiro atual que você mais admira?", do total dos entrevistados, 39,1% responderam simplesmente "nenhum"; 6,5% apontaram o ex-governador Leonel Brizola; 4,5%, o governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello; 4,2%, o de São Paulo, Orestes Quéricia; 3,4%, o deputado Luiz Ignácio Lula da Silva (PT-SP); 3,3%, o presidente Sarney, e apenas 2%, o presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

Em relação à questão "Em quem você gostaria de votar para presidente se a eleição fosse em 88?" Brizola ficou na frente, com 10,6%; Lula, com 4,3%; o empresário Antônio Ermírio, com 3,9%; Collor, com 3,5%; e Quéricia, com 3,2%. Ulysses, mais uma vez, não foi bem colocado; ficou em 8º lugar, com 1,6%, depois do apresentador de TV e empresário Sílvio Santos, que acaba de se filiar ao PFL de São Paulo (3%), e o ex-deputado Paulo Maluf, que perdeu as últimas disputas para a presidência da República e o governo de São Paulo (2,7%).

Ulysses também tem o maior índice de rejeição, seguido de Brizola, que fica em segundo lugar. Na opinião de 27,1% dos entrevistados, o pior candidato à Presidência da República, entre sete listados, é Ulysses; na de 14,3%, Brizola.

Os outros foram Lula, com 6,7%; Aureliano, com 6,1%; Montoro, com 5,3%; Antônio Ermírio, com 3,0%, e Collor, com 0,7%.

Collor, aliás, é o favorito em segundo turno, enquanto Ulysses perde para todos. Se as eleições em primeiro turno já tivessem sido realizadas e os dois estivessem disputando na reta final, Collor ficaria com 45,2% e Ulysses com 31,8%.

Se Brizola fosse um dos candidatos no segundo turno, ganharia também de Ulysses, na base de 41,6%, contra 33,8%. Mas perderia de Collor, de 38,1% a 41,7%. Só que nessa última hipótese haveria 15,5% de votos em branco, persistindo, além disso, 4,7% de indecisos.

A pesquisa abrangeu homens e mulheres em proporções iguais, de todas as idades a partir de 18 anos, e, segundo o representante da empresa em Brasília, Ricardo Pinheiro Penna, correspondeu às características da população, ao entrevistar 60% de analfabetos ou de nível primário e 69,9% com renda familiar até cinco salários mínimos. Geograficamente, incluiu, nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, as capitais e cidades com mais ou menos de 50 mil habitantes.

Os resultados da pesquisa dá dicas para os candidatos à Presidência da República, sejam as eleições este ano ou no próximo. Uma delas atinge sete pretendentes, pelo menos, de uma só vez, pois a maioria dos 2.879 entrevistados (46,8%) acha que o PMDB deve romper como governo, contra 30,9% que pensam o contrário. Um bom sucessor de Sarney deve, ainda, ter boa aparência (no julgamento de 46,5% dos entrevistados), falar bem línguas estrangeiras (51,7%), ter família constituída (46,3%), incluir no currículo um diploma universitário (68,3%) e não ser militar (31,6% acham que isso é negativo). Uma boa bandeira é a reforma agrária, pois 82,9% dos entrevistados são a favor, e só 8,4% são contra.